

AMBIVALÊNCIA NAS REDES SOCIAIS: A NOÇÃO DO PÚBLICO E PRIVADO ¹

Érica Arruda Peluzio², Virgínia Maria Alves Chaves³, Larissa de Oliveira Pena⁴, Fabiana Cristina Teixeira⁵

Resumo: *As redes sociais, à medida que estimulam a necessidade de o indivíduo se mostrar o tempo todo em um mundo perfeito, irreal, repleto de felicidade, em que a lógica do público e do privado foi perdida, geram sentimentos ambivalentes, que ao mesmo tempo são de felicidade e desprazer, pois a consciência parcial do ilusório acaba gerando o mal-estar. Assim, determinados aspectos que deveriam ficar no privado são publicados a julgamento do mundo, desconsiderando o tamanho da rede social, que permite o contato com inúmeras pessoas sem limite geográfico. A ambivalência vem se tornando cada vez mais perceptível nas redes sociais, seja no curtir ou não uma foto específica ou no publicar ou não determinada notícia; com isso, o jogo do amor e do ódio se concretizam, pela relação de dois sentimentos opostos e antagônicos na ótica da ambivalência, que não mais é do que a coexistência de dois sentimentos ambíguos numa mesma relação.*

Palavras-chave: tecnologia; mídia; redes sociais; amor e ódio.

Abstract: *In the extent that social networks stimulate ones' necessity of constantly show themselves in a perfect and unreal world full of happiness, in which the logic of public and private was lost, generate ambivalent feelings that are simultaneously happiness and displeasure, for the partial conscience of illusory generates malaise. In this way, particular aspects from the private sphere are published, occasionally*

²Érica Arruda Peluzio – Graduanda em Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: ericapeluzio@yahoo.com.br

³ Virgínia Maria Alves Chaves – Graduanda em Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: vchalves@hotmail.com

⁴ Larissa de Oliveira Pena – Graduanda em Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: larissapenaoli@gmail.com

⁵Fabiana Cristina Teixeira - Ex-professora do curso de Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. e-mail: fabicteixeira@hotmail.com

disregarding the size or the lack of geographic limits of social networks, reaching numerous people, who can judge it. The ambivalence has becoming increasing noticeable in social networks, whether in like or not a specific photo or in publish or not particular news. The game of love and hate is concreted by the relation of two opposite and antagonistic feelings from the perspective of ambivalence, which is not more than the coexistence of two ambiguous feelings in the same relationship.

Keywords: *technology; media; social networking; love and hate.*

Introdução

As relações humanas são, por natureza, ambivalentes, pois se fossem idealmente boas ou essencialmente destruidoras seriam insuportáveis. Aqui, pretende-se relacionar a exposição exacerbada do sujeito perante as redes sociais com a ambivalência do amor e ódio gerado por suas exposições, onde se observa que a lógica do público e do privado é confundida. Nos discursos clínicos, percebem-se sentimentos ambivalentes produzidos por curtir ou não as postagens, bem como pelo número de curtidas recebidas, criando certo esfacelamento das barreiras protetoras nas relações, bem como nos limites de segurança no campo do bem-estar individual e coletivo.

As redes sociais são os meios em que as pessoas encontram-se por afinidades e que possuem objetivos comuns, sem limites para a conexão e possibilitando contato com inúmeras pessoas, sem limite geográfico.

A privacidade está escancaradamente exposta com a receptividade do aspecto voyeurista que espera para ver o que o exibicionista tem feito, que lugares tem ido, o que tem vestido e até mesmo o que comeu. Relação de mão dupla, na qual o outro espera também o mesmo daquele que o segue, o “curtir” nas redes sociais.

Rodriguez e Carneiro (2013) mostram que a ambivalência possui uma conotação vasta dentro da Psicanálise, mas que pode ser resumida de forma simples como qualquer conflito defensivo, no qual há a presença de sentimentos incompatíveis. Amor e ódio são os dois lados de uma mesma

moeda, portanto seria impossível pensar na vertente amorosa sem levar em conta a sua contrapartida e todo o dualismo pulsional, estando presente desde a relação mãe e filho.

A noção de ambivalência, do amor e do ódio, na lógica do público e do privado, é contraditória e sem referências, pois, frente às postagens, tais como crimes e mortes, términos de relacionamentos, surge a dúvida se o fato é para curtir ou comentar, visto que a expressão “curtir” reporta à ideia de tratar de algo agradável, interessante ou divertido. Clinicamente, os próprios sujeitos percebem-se confusos acerca do que esperavam do outro, neste sentido.

A impulsividade de alguma forma é a tônica da rede social. A curta expectativa de vida culmina na grande vantagem dos impulsos em relação aos desejos, de modo que, para o autor, o foco é no presente e sem a perspectiva de futuro, a mensagem subliminar é a de que não há que se preocupar com as consequências, e sim com uma relação sempre utilitária: usufruir do máximo de prazer que se pode obter daquela situação.

Referencial Bibliográfico

Segundo Klein e Rivière (1937/1978), a ambivalência é um afeto que está presente em qualquer tipo de relacionamento, indo além da mãe e do bebê, e esse afeto torna-se primordial na constituição do ser humano como tal. Observa-se, então, que sentimentos ambivalentes de amor e de ódio são gerados pela exposição exagerada do sujeito frente às redes sociais. A emergência das comunidades virtuais constitui um dos maiores acontecimentos sociológicos, mas os relacionamentos online e suas consequências ainda são um terreno pouco pesquisado. Pesquisas nessa área procuram responder perguntas, como: existe uma adicção à internet? O uso excessivo da internet pode resultar em problemas na família, no casamento ou no trabalho? Como se protege a intimidade online? Qual o papel da internet na transformação da identidade pessoal e profissional?

Na sociedade de consumo, é nosso dever sermos felizes, ou seja, ter a felicidade como horizonte de todos os acontecimentos da vida, observando

uma transformação na relação entre as esferas públicas e privadas, ocorrendo uma privatização da vida. O sofrimento psíquico, bem como a dor devem ser evitados na contemporaneidade, pois o que caracteriza o homem na atualidade é o hedonismo, o imperativo de ter prazer e evitar o sofrimento. (FORTES, 2009).

Cairoli e Gauer (2009) sugerem ainda que a internet propicia não apenas a comunicação, mas também funciona como formas de expressão e produção de subjetividade, visto que, a partir dela, com o advento das redes sociais, os sujeitos podem expressar seus sentimentos, emoções e acontecimentos do dia-a-dia, posicionando-se de várias maneiras, contribuindo para que se organizem em torno de um laço fraterno socializante, expressando-se livremente.

Propiciando algo que antes era privado, os diários virtuais na internet, local onde todos têm acesso aos acontecimentos da vida do indivíduo, ultrapassam a lógica do privado, tornando público aquilo que não era. Nesses pequenos espetáculos público-privados, pode-se notar, por um lado, a necessidade de exposição da intimidade física e emocional e, por outro, o desejo de romper os limites socialmente estabelecidos da pessoa pela participação na experiência (no corpo, na intimidade) do outro (KOMESU, 2005).

Contudo, a falta de parâmetros e o declínio de todas as instituições de referências impossibilitam-nos encontrar algum ponto de ancoragem. Graças à introdução do ilimitado na cena mundial, ao declínio da função paterna e de seus derivados, a manifestação do sujeito do inconsciente tornou-se um tanto que modificada. (ALEMÁN, 2009). A transgressão contemporânea não está clara, pois podemos pensar que a recusa às redes sociais ou a insistência de relacionamentos presenciais podem traduzir as transgressões atuais.

Há que se discutir ainda a posição subjetiva dos sujeitos inseridos nas redes sociais, que muito pesarosamente tem conseguido lidar com as consequências dessa exposição. Pensar assim pode parecer angustiante e trabalhoso, uma vez que já estamos acostumados a nos sentir “soltos” e “livres” na condição online. Entretanto, ao emergir na condição de sujeito enquanto responsável com o próprio desejo, a liberdade na internet não

aparece mais como tão atraente, com a condição do “posso tudo”, mas passa a ser questionada da mesma forma que o experimentado na vida em geral, questionando responsabilidade, respeito e democracia.

O espaço público tornou-se, portanto, palco para a promoção do espetáculo que visa dar vazão ao exibicionismo e à necessidade de exteriorização do eu. Segundo Debord (1997), quanto mais o espectador contempla, menos vive e, quanto mais pretende se reconhecer em outras imagens, menos reconhece o próprio desejo. Para o autor: [...] Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte. (DEBORD, 1994, p. 24).

Nota-se que ocorre uma distorção frente àquilo que pode ser privado e público. Há uma divergência entre o que é vida pública e vida íntima, como o julgamento de assuntos públicos de acordo com sentimentos pessoais. Outro ponto que advém dessa discussão e “confusão” é a necessidade da “troca mercantil” em relações íntimas. Na tentativa de escapar à condição de desamparado, o sujeito contemporâneo organiza-se a partir do eixo individualista-hedonista, e o sofredor não se encaixa nos moldes atuais de exaltação do eu e exibicionismo. Acossados pela obrigação de ser feliz, tudo se transforma em “gadget”, os objetos como signos de felicidade. O outro só existe enquanto reforçar a autoexaltação narcísica do sujeito, como meio para alimentar o eu e não como relação de alteridade (FORTES, 2009)

Material e Métodos

O presente trabalho é uma Pesquisa Bibliográfica desenvolvida com base em materiais já elaborados sobre o tema. Baseamos em várias bibliografias, a fim de trazer maior entendimento sobre a ambivalência nos meios de comunicação.

Considerações Finais

As redes sociais estão exacerbando a ambivalência pela necessidade de se mostrar o tempo todo felicidade e perfeição demonstradas onde, de fato, não existem e evidenciando o que deveria ser privado a julgamento do mundo, pois, aos sujeitos contemporâneos, aparentemente faltam a noção do poder que as redes sociais alcançam, permitindo o contato com inúmeras pessoas sem limite geográfico. O sentimento gerado é ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que se é feliz com a demonstração da felicidade postada, o desprazer vem à tona, numa enfadonha repetição, já que aquilo que é mostrado não costuma corresponder às vivências subjetivas.

Essa ambivalência torna-se cada vez mais perceptível nas redes sociais, nos discursos na clínica, cuja lógica exibicionista tem apresentado devastações curiosas. Como bem já nos apontou Debord (1997): “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada por imagens”.

Na tentativa de se posicionar conscientemente feliz e autossuficiente, o sujeito contemporâneo talvez esteja, mais que em qualquer outro momento, ambivalente em suas relações com os mais variados temas: amor e ódio nos mais variados campos pelos quais transita, seja nos discursos políticos de oposição, pelas figuras midiáticas, pelos times esportivos, pela exacerbação da imagem nos passeios e festas vivenciados com intensa angústia e postados com o amplo arsenal de símbolos de felicidades.

O “Curtir”, “compartilhar”, “postar” consistem em significantes contemporâneos, mas que, no entanto, contribuem para a sustentação de um gozo, que mantém o sujeito afastado de seu desejo, enquanto ilusoriamente se distancia de seu desamparo.

Assim como em qualquer outro momento, a Psicanálise pode contribuir com a emergência do sujeito do inconsciente, para que este possa encontrar o seu desejo. No entanto, apesar de todas as facilidades tecnológicas, talvez se esteja esticando o percurso ao não ter o mínimo discernimento das

contradições que se enunciam. E isso implicará novas formas de atuação clínica, sobre as quais ainda não sabemos com muita propriedade, mas que necessitarão de novas reflexões e discussões clínicas, inevitavelmente.

Referências Bibliográficas

ALEMÁN, J. La metamorfoses de la ciência em técnica: el discurso capitalista. In: **Para uma izquierda Lacaniana**. Buenos Aires: GRAMA ediciones, 2009.

DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. **Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

FORTES, I. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista Mal-estar e subjetividade**. Vol XIX – nº4, p. 1123-1144/dez 2009.

KLEIN, M.; RIVIERE, J. (1937/1978). **L'amour et la haine**. Paris: Editions Payot.

KOMESU, F. C. Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na Internet. **Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas**. Maio, 2005.

RODRIGUEZ, F. T.; CARNEIRO, T. F. Maternidade tardia e ambivalência: algumas considerações. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro. Vol. 45, nº1. Junho, 2013.

AUTORES: Peluzio, É.A.; Chaves-Alves, V. M.; Pena, L. O.; Teixeira, F. C. Ambivalência nas redes sociais: a noção do público e privado. In: **VII SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**, 7, 2015, Viçosa. Anais. Viçosa: FACISA, Outubro, 2015.